



NO CAES DO EMBARQUE: Um oficial de artilharia dando ordens a um sargento

(\*\*Cliché\*\* Renolle).

II SÉRIE N.º 583

PORTUGAL, COLÓNIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Assinatura Trimestre, 1\$45 ctv.—Semestre, 2\$90 ctv.—Ano, 5\$90 ctv.

NUMERO AVULSO, 12 centavos

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Lisboa, 23 de Abril de 1917

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Lda  
Editor—JOSÉ JOUBERT CHAVES

**Lizos**

Tafetá  
Crepe  
Chameu  
Gabardiu  
Eolienn  
Falia  
Cotelé  
Veó  
etc.

**Imprensos**



**Escosez**

**Sederia**

**Riscados**



Suissa

**directamente da Suissa,  
franco de porte  
a domicilio!**

Peçam hoje mesmo amostras das  
nossas sedas novidades garantidas soli-  
das para vestidos e blusas: Tafeta, Crêpe,  
Charmeuse, Gabardine, Eolienne, Falia,  
Cotele, Veo, etc., Cambraia suissa 120  
cm de largo desde fr. 2,50 o metro.  
Grandissima escolha sobretudo em preto,  
meio luto, assim como em branco e côr.

Esta collecção é enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Esta collecção é enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa nova collecção de bordados suissos contendo 70 figurinos novos com amostras bordadas representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca, collares e lenços d'assoar com verdadeiro bordado suiso. Blusas e vestidos para senhoras, meninas e crianças, em Cambraia, Veo, Crêpe, Organdie, Linho, etc. e bordado sobre sedas novidades desde frs. 3.90. Os nossos bordados, como não são cortados, pôdem ser confeccionados facilmente em todos os padrões.

Esta collecção é igualmente enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

**Schweizer & Co.** Lucerna, E 1  
(Suissa).  
Casa Suissa — Mercadorias Suissas.

TELEPH. N.º 2638

PERFUMARIA

ROSA D'OURO

COLOSAL  
SORTIMENTO  
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM N. ALVES  
LISBOA

## Gratis aos quebrados

Uma bem conhecida auctoridade envia GRATIS A TODOS

uma amostra de um famoso methodo que tem curado quebraduras depois de duas operações haverem provado a sua nulidade.

Sera enviada uma amostra d'este famoso tratamento gratis a todas as pessoas quebradas ou que conheçam alguma n'essas circumstancias. E' um methodo maravilhoso que tem curado casos que tem desafiado ho-pitales, medicos, fundas, electricidade, etc.

Que uma operação na quebradura não só é desnecessaria, como tambem os seus resultados não são satisfactorios (excepto no caso de quebraduras estranguladas) está demonstrado pelo facto de que milhares de quebraduras tem sido curadas sem operação; e em muitos casos onde a operação não tem dado resultado, tem elas sido curadas pelo methodo Rice sem causar



Sr. A. G. Ferrer

dôr ou perda de tempo e sendo usado em particular em casa do paciente. A Sr.<sup>a</sup> Jane Austin, 1 Douglas Street, Osmaston, Derby, Inglaterra foi quebrada durante 25 annos, tendo sido operada de uma quebradura estrangulada. O tratamento não deu porêrem resultado. A segunda operação foi igualmente de resultados negativos. Experimentou então o processo Rice, ficando curada e não voltando mais a soffrer de quebradura. Entre outros curados por este methodo, de ols da operação não ter dado resultado contam-se os srs. Antonio Garcia Ferrer, Calle Pl y Margal, 110, Castellon de la Plana, Espanha (quebradura escrotal de 11 annos); Sancho Rodriguez Ruiz, Reina Regente, 11, Belcazar, P. de Cordova, farmaceutico, curado na idade de 66 annos depois de ter soffrido de quebradura durante muitos annos; Juan Romero Salvador Jardines 28, Granada, Ebanista, curado na idade de 52 annos, e o rev.<sup>o</sup> T. Browne 16, Kimberley Drive, Gt. Crosby Liverpool, Inglaterra (capelão catolico da prisão de Liverpool, durante 20 annos). V. Ex.<sup>o</sup> quer curar-se da mesma forma que estes se curaram A sua quebradura não ficará sempre na mesma posição: irá melhor ou peor.—Não deve V. Ex.<sup>o</sup> abandonar a para «qualquer dia». Envie v. Ex.<sup>o</sup> hoje mesmo o pedido de amostra d'este tratamento e o livro gratuito «A Natureza e a Cura da Quebradura». Escreva a W. S. RICE (S. 117) (G. P. O. Box n.º 5) 8 & 9 Stonecutter Street, London, E. C., Inglaterra.

# CHÁ HORNIMAN



**ESTE**  
**E' o melhor**  
**SHAMPOO**

O SHAMPOO das bandeirinhas, o unico que da o resultado desejado

Vende se em toda a parte a 5 centavos ( 50 reis ) cada pacotinho

Exigir sempre o "SANLIMAN"

Se o vosso farmaceutico, perfumista ou droguista não o tiver procuree no outro a seguir que o tem com certeza

Deposito Santos & Benshman  
87 Rua Aurea. Lisboa

"SANLIMAN"

Shampoo-em-Pó

Preparado Magnifico  
para limpar o cabelo  
(MANEIRA DE USAR INCLUSA)

Deposito Santos & Benshman  
87 Rua Aurea LISBOA

Vêr, quarta-feira, o  
Suplemento de MODAS & BORDADOS  
(Do Secreto)

## FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS  
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

### Indiferença politica

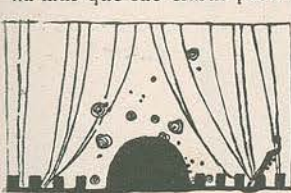
Assinalou o chefe de um dos grupos políticos do paiz, em conferencia recente, o facto sabido e condenavel do desinteresse quasi geral que ha muito se nota entre nós pela ciencia de governar povos, isto é, pela politica, na verdadeira significação do termo, e mais acentuou que substituindo o amor por essa nobre ciencia se tem manifestado apenas o apêgo ás conveniencias de classe. Disse uma verdade conhecida por todos e podia ter acrescentado que tal apêgo é por vezes ainda mais restrito, porque toma o caracter individualista, de modo que o que se pratica, em resumo, é o egoísmo, mascarado com varias denominações menos asperas ao ouvido. Disse uma verdade, sim, mas para que se remediasse o desacerto talvez tivesse havido conveniencia em apontar as origens do mal, o que não fez, se nos fiarmos nos resumos da conferencia, publicados nos jornaes. Destruída a origem desapareceria evidentemente a razão do que pôde ser unicamente um equivoco, uma má compreensão do que convenha ao paiz.

A causa da indiferença politica, substituída pela politiquice, não será a falta de creença nos politicos, a desilusão que inutilisa todas as boas vontades, provocada pelo procedimento d'esses mesmos politicos? Tem-se esperança no politico A, no B, no C, estes sobem sucessivamente ás cadeiras do poder, e os atos de A, de B, de C, são um cruel desmentido á nossa fé, procedendo em desacordo com os principios que antes expandiam teoricamente.

As primeiras pessoas a não encarar a politica como a «ciencia de governar os povos» em conjunto, e não a de satisfazer interesses de particulares, são—tem-se visto—os proprios politicos. Não se lhes negam as boas intenções, mas os tristes resultados são como se as tivessem más.

### Teatro portuguez

A critica de jornal registou consoladoramente o exito de uma peça teatral, intitulada *Entre giestas*, devida á pena de um estreado, o sr. Carlos Santos, e representada no palco do Republica ha dez dias. Entrevê-se n'essas criticas a grande satisfação de se poder elogiar sem rebuços nem considerações especiaes, que nos escritos mais justos não deixam nunca de revelar-se por indícios involuntarios, indecisões que passam despercebidas a quem taes escritos assina mas que são claras para o leitor avisado.



D'esta vez as noticias publicadas após a representação foram francas e firmes, sem sombra de hesitação. E por que razão? por que motivo se não receou, como tantas outras vezes, a falibilidade de uma impressão de momento, pessoal, que a atenção refletida, uma segunda audição da peça, por exemplo, poderia modificar?

Quanto a nós, porque a peça, tendo condições teatraes, tem principalmente a vantagem de ser... por-



tugueza; portugueza pelo ambiente, pelas paixões que n'ela se debatem, pelos costumes, pela lingua-gem. E' o nosso povo que vive nos tres felizes atos do drama *Entre giestas*, é a rudeza das nossas ser-ranias que n'eles aparece, é o amor em coração da nossa gente, de perdição quando contrariado, que lhes dá consistencia e se fixa na memoria do espêta-dor.

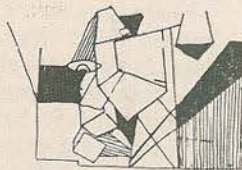
Por isso, a *Cronica* faz tambem o registo conso-ladoramente, com a satisfação que notou nas criticas officiaes, dando-se ao prazer de atentar demorada-mente n'uma forma de arte, a retemperar a energia depauperada por analyses desagradaveis.

### Futurismo

... Assim, outro facto que não pode escapar-nos é a conferencia futurista realisada n'aquela mesmo pal-co por um moço caricaturista, sem numerosa assis-tencia, mas ainda assim com a retumbancia bastante para distrair Lisboa inteira durante alguns minutos, fim a que o conferente visava.

As respêtivas noticias apareceram encimadas com os titulos *O elogio da loucura*, *Rilhafoles em ação*, *Desequilibrios cerebraes*, e outros semelhantes. Não cometeremos a deshuman dade de considerar o refe-rido senhor e os seus companheiros de desventura como doidos varridos, ou, pelo menos não expressa-remos em titulos crueis os comentarios que a confe-rencia nos poderia sugerir, já por benevolencia, já porque no *Seculo Co-mico*, incorporado n'este numero da *Ilustração Portuguesa*, se trata do assunto em termos que perfilhamos inteiramen-te; limitar-nos-hemos a recordar aos irreveren-tes que atacam o novo credo, o que tem acontecido em todas as reacções li-terarias. A principio atuum desconexas, incoherentes, idiotas; mas do caos, aplacada a efervescencia, do embate desordenado de vaidades e incompetencia, on-de tambem oscilam sinceridades, surge quasi sempre um novo ideal, que não é senão a resultante de for-ças anteriores congregadas pouco a pouco.

Quem sabe se os craneos dos futuristas não con-teem, na verdade alguma massa encefalica? E' cedo para juízos temerarios.



### Livros

Passou a semana sem que nos chegasse á mão ne-hum livro de versos. Merece noticiar-se o caso, pela raridade, mas não deve concluir-se d'ele que tenha estancado a fonte de inspiração nacional. Nem por ser de jacto intermitente deixa de ser em tal abun-dancia que as inundações se tornam frequentes e te-miveis.

Em prosa, apenas recebemos *Lembrando a patria*, do sr. Carlos Fernandes, recortes de cartas para um jornal brasileiro. Prefaciavam a pequena obra *Duas palavras* escritas pelo editor, mas que o autor eli-minou modestamente com duas tesouradas. Bastava esse heroico procedimento para ser crédor das nos-sas simpatias.

ACACIO DE PAIVA.

(Ilustrações de Stuart Carvalhaes).

## A Batalha das Laranjeiras... e do "Lawn-Tennis"



A sr.ª D. Cecília Rivara



A sr.ª D. Olga Buzaglio

EM plena harmonia ibérica, a organização do «Concurso Internacional do Lawn-Tennis» vae trazer-nos a Lisboa um luzido e peque-

jogo do *tennis* por esta pitoresca e sugestiva maneira:

—E' um jogo inventado por um inglez que tinha dois filhos muito estupidos.

no exercito — de *raquettes* e bolas. A' frente d'esta amiga guerrilha de *sport*, vem uma dama, Carmen de Portago. Não ha duvida de que, com tão festivos emissarios, a harmonia ibérica vae ser um facto immediato — pelo menos, nos *courts* das Laranjeiras.

Ao lado dos exercitos portuguezes, figura uma esplendida brigada ingleza, capitaneada por uma eximia jogadora Miss Murphy. São essas forças hespanholas contra essas forças anglo-portuguezas que vão bater-se em agilidade, em destreza e em galanteria no famoso *match* do *tennis* que ficará conhecido como — o Concurso da Primavera.

Um dos poucos homens de espirito que ha em Portugal, o sr. Julio Mardel, definiu um dia o



A sr.ª D. Angelica Plantier

Não está realmente provado que para jogar o *tennis* seja necessaria a cultura filosofica ou historica do sr. Teofilo Braga — que para mandar uma bola á cara d'um adversario nunca, até hoje, precisou de *raquette*. Tão pouco é indispensavel o talento do sr. Nunes da Mata. Mas uma virtude ha — e essa admiravel — sem a qual se não admite esse *sport* de alegria, de ar livre e de saude: a mocidade.

Poucos jogos precisam tanto de juventude como esse jogo monotono, estouvado, quasi infantil, que consiste em andar duas ho-

ras de traz para deante e deante para traz, dentro d'uns pequenos quadrados de giz, a empurrar bolas e a apanhar bolas, aos gritos de

—*Play!*  
*Haut-side!*  
*Game!*



Da esquerda para a direita: sentadas, as sr.ªs D. Cecília Rivara, D. Angelica Plantier e D. Vitoria Perestrelo. Em pé, os srs. Antonio Casanova, Fernando Vale, R. Shore, Luiz Ricciardi, D. João Villa Franca, Armando d'Agular, Boaventura Belo e D. José de Verda (Malros).



Emfim, o *tennis* parece-me ser, essencialmente, um jogo de primavera, pri-



A jogadora hespanhola «Mademoiselle» Carmen de Portago

Esta alegre função suada, pulada, brincada, herrada, só consegue, na verdade, ser um lindo espectáculo de gentileza e um agradável exercício de prazer, quando a alegria, a vivacidade espontaneamente a animam.



O sr. D. José Castelo Novo



O sr. J. Nobrega Lima

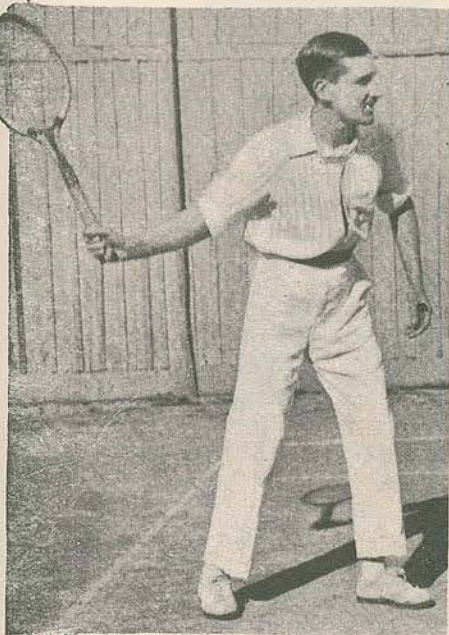
«Mademoiselle» Vitoria Pestrelo e o sr. D. José de Verda, vencedores do Campeonato de Portugal, *mixed-doubles* em 1916.

mavera ruidosa, descuidada, fresca, clara — de sapatos de lona branca e sol a rir nas faces.

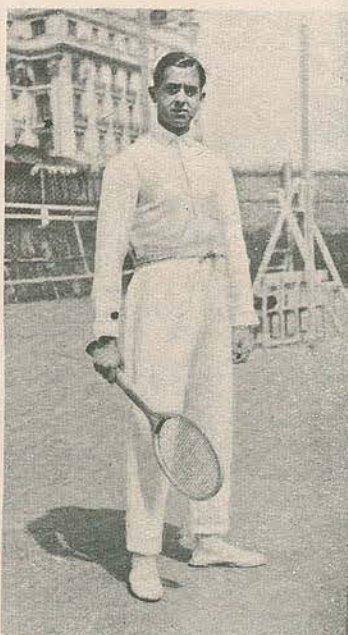
Venham, pois, os hespanhoes e venha sobretudo a linda hespanhola-campeão — que, em parte alguma do mundo, ha mocidade como em Hespanha.

E já que se trata de «harmonia iberica» se a *señorita* Carmen é, como supponho, «muy mona», d'aqui peço ao *comité* o favor de me inscrever no campeonato, não havendo outra maneira, pelo menos — como bola!

Se, com o meu fisico, me faltam para tão saltitante missão, as redondas e macias qualidades exigiveis, sobra-me a ligeireza de pezo — e a boa vontade de saltar, saltar... em tão gentis mãos de jogadoras.



O campeão de Portugal, sr. D. João de Villa Franca



O campeão hespanhol, sr. D. S. Saguler

## Um artigo sobre a moda

Paris, 2 d'abril

**M**R. Maurice de Waleffe é um dos mais interessantes e também dos mais temerarios jornalistas parisienses. N'um artigo inserto no *Journal* d'esta manhã ele ousa não já apenas discutir a moda feminina, o que seria grave, mas arrogar-se a pretensão d'impol-a, o que é enorme. *Ce que doit être le costume féminin* é o tiulo d'esse artigo. «Mr. Asquith e mr. Lloyd George, diz o autor, acabam de prestar uma magnifica homenagem á mulher ingleza. Penso que a franceza lhe não é inferior em nenhum ponto. No hospital, na officina, nos campos, ela faz mitagres. Quizera eu pedir ainda um équelas que não estão nem no hospital, nem na officina, nem nos campos, mas simplesmente em



canto feminino, ele concorda mesmo em que tal seria tornar mais feia a vida, que já não é tão bela como isso. Mas, diz ele, «a guerra seria uma ocasião unica para nos desembaraçarmos d'um veneno subtil que é o amargo sentimento da desigualdade. Ele existe em toda a parte, porque nasce da comparação que toda a mulher estabelece com um olhar entre a sua *toilette* e a da sua vizinha. Se a sua é mais

pobre ou mais fóra de moda, ela sente-se esmagada por uma superioridade que, não resultando nem do coração nem do espirito, nem mesmo da beleza, mas d'uma brutal questão de dinheiro, a revolta.» Mr. Waleffe pensa que metade dos defeitos que atribuímos ás nossas mulheres — aspereza, mesquinharia, malevolencia — nascem na impressão de injustiça que n'um tal momento elas expe-



Paris, nas nossas grandes cidades. Elas teem pensamentos muito mais sérios do que antes da guerra. Eu quizera que isso se percebesse melhor na sua *toilette* que continua sendo talvez um pouco frivola.» Mr. de Waleffe não pretende tocar no en-

rimentam. E, porque uma semelhante impressão apoquento: também outr'ora os homens que d'ela se libertaram fazendo também talhar os seus trajos por um modelo comum, ele propõe que as damas se apressem também a adotar todas aquele

*tailleur* «de pano solido, cõr neutra e corte invariavel» que foi lançado ha quinze anos pelas grandes *ladies* inglesas e que, muito naturalmente . . . perdeu de moda depois.

O traje do homem, obedecendo aliás bem imperfeita-



mente, ao principio egalitario que mr. de Waleffe tão eloquentemente proclama, é d'uma indiscutivel fealdade. Ele veio entristecer o aspecto das cidades, afastar a arte d'um dominio onde ela outr'ora reinou com aprazimento dos olhos e do espirito. Ele é um atentado permanente contra a harmonia, contra a graça, contra a beleza. Felizmente que as mulheres . . . Mas eis que o articulista do *Journal* as quer uniformizar também, vestindo-as para todo o sempre como as grandes *ladies* inglesas (Deus lhes perdõe!) tiveram o mau gosto de se vestir ha quinze anos, como ele diz.

Eu bem sei que a moda feminina tem por vezes fantasias d'um gosto discutivel. Ha dias ainda tive occasião de vêr n'um grande costureiro os mais recentes modelos que vão ser a lei da moda d'este verão. E' o triunfo completo da *jupe-tonneau* que é como quem diz da saia tonel, da saia-barril, da saia-pipa, dentro da qual uma senhora gorda e baixa é um achado para um caricaturista em cata de bons tipos. Mas eu pude verificar mais uma vez que a beleza d'uma mulher bonita resiste a todos esses atentados ou melhor dizendo a todas essas provas e d'elas sae com toda a graça d'uma coqueteria triunfante. Ela triunfaria mesmo do tal *tailleur* de ha quinze anos se a uniformidade e a invariabilidade do seu corte e a tristeza dos seus tons neutros não bastassem só por si para nos causar horror.

E depois, cuida mr. de Waleffe que um *costume tailleur* de bom cõrte e de bom pano é coisa tão economica como isso? O meu eminente confrade é decerto um homem solteiro. . . Um

*tailleur* de linhas simples não é tão facilmente imitavel, tão facilmente posto ao alcanee de todas as bolsas como esses modelos *dernier cri* que as grandes casas lançam a preços fabulosos mas que quinze dias depois as *Galerias* e o *Printemps* põem á venda em edições economicas cujo preço pode chegar a 200 francos mas que raramente sobe mais além. Pergunte mr. de Waleffe ás grandes *ladies* de ha quinze anos por que preço pagavam elas os seus simples *tailleurs*.

E ainda, para que nos metermos nós, os escritores, a discutir essas coisas? *Nous n'y pouvons rien*. Derrubar um ministerio, derrubar um trono pode estar dentro das nossas forças. Mas lutar contra a moda é dar ao publico o spectaculo da nossa propria fraqueza. E para quê? A autocracia de Nicolau II era muito mais vulneravel, muito mais fragil, e isso viu-se, que a autocracia de madame Paquin. Uma mulher pode pedir-nos conselho sobre um livro, sobre uma peça, sobre um quadro, sobre o estilo d'uma carta d'amor, sobre um remedio para os calos ou sobre uma receita de cosinha, mas jámais lhe passará pela cabeça a ideia de nos consultar sobre a *robe* que ha-de vestir. Ela obedecerá sempre docilmente aos caprichos do seu costureiro, por mais fantasticos, por mais ridiculos, por mais idiotas que eles sejam. Repito: *nous n'y pouvons rien*. Para que pois, mesmo quando os argumentos nos sobejam, emprender uma oampanha certos d'antemão de que não poderemos vencer?

Percorra mr. de Waleffe durante este mez proximo todos os costureiros *chics* de Paris; e pergunte-lhes quantas clientes lhes foram, com o numero do *Journal* na mão, encomendar o tal *tailleur*.



Paulo Osoio.

## PARA OS MUTILADOS DA GUERRA



As sr.<sup>as</sup> D. Ester Norton de Matos, D. Palmira Padua, madame Mimoso Guerra e mademoiselle Norton de Matos e os srs. Vanconcelos Dias, dr. Tovar de Lemos e o representante do *Seculo*, na visita ao convento de Arroios, que vae ser adaptado a Escola dos Mutilados da Guerra.

A' benemeri-  
ta *Cruzada das  
Mulheres Portu-  
guezas* já foi  
dada posse do  
antigo convento  
de Arroios,  
para n'ele ser  
instalada uma  
Escola de Mu-  
tilados da  
Guerra.

Encarregou-  
se do projeto  
das obras a rea-  
lizar o tenente-  
coronel sr. Vas-  
concelos Dias,  
diretor da Ma-  
nutenção Mili-  
tar, que vae  
adaptar o me-  
lhor que possa



O edificio da Escola dos Mutilados da Guerra  
(Clichés Benollel).

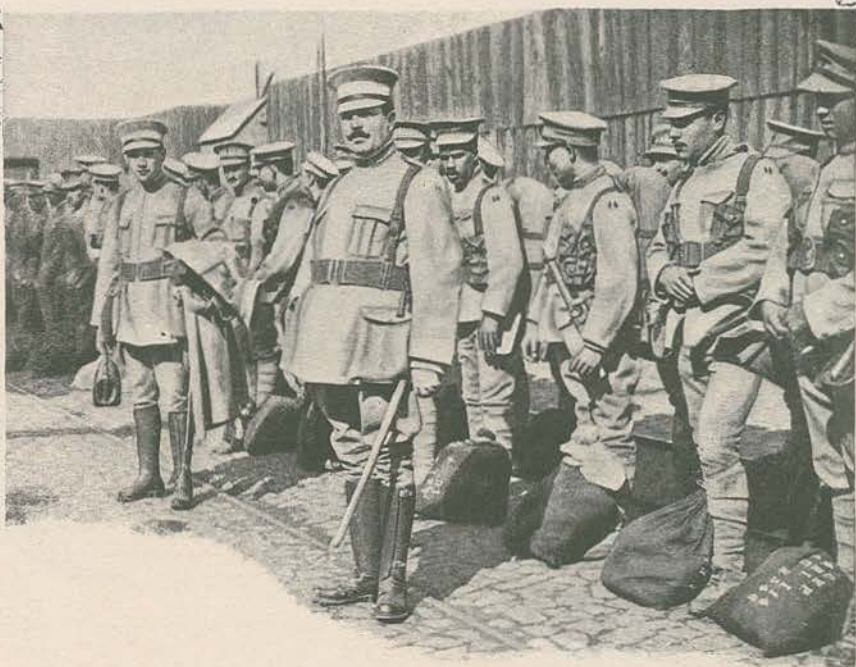
ser o velho edificio á instalação de va-  
rias aulas, esperando-se que dentro de qua-

tro mezes já possa receber os primeiros  
invalidos.



## A caminho de França

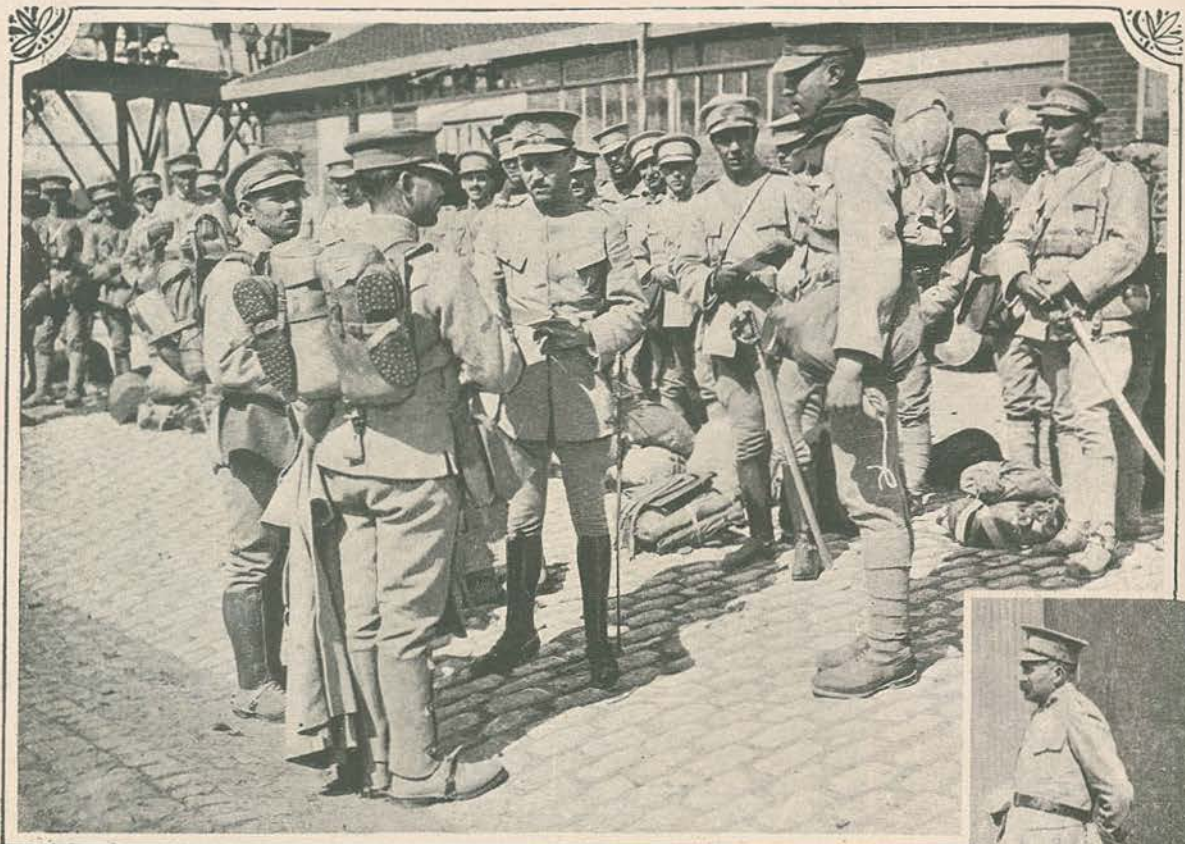
Mais uns milhares de homens saíram para combater em França. Com as notícias que vieram dos nossos soldados já terem entrado em fogo contra os alemães, o espirito dos que partem mostra-se cada vez mais levantado. Foi em extremo vantajoso que se quebrasse o silencio que se fazia em volta das tropas portuguezas em campanha na França para se acal-



mar a justa ansiedade das familias e desfazer uma certa apreensão no paiz. Tudo corre bem. Respira-se com esta noticia, embora um pouco imprecisa; e o resto dos mobilizados deseja mais do que nunca ir reunir-se aos seus camaradas e combater pela grande causa da humanidade.



1 e 2. Soldados de um batalhão de infantaria prontos para embarcar



1. Chegada a Lisboa da companhia de obuzes. Oficial de artilharia conversando com um sargento.

2. O major comandante d'artilharia, assistindo á chegada das forças



Fazendo a chamada das praças de um batalhão de infantaria



Sargentos d'artilharia da companhia de obuzes

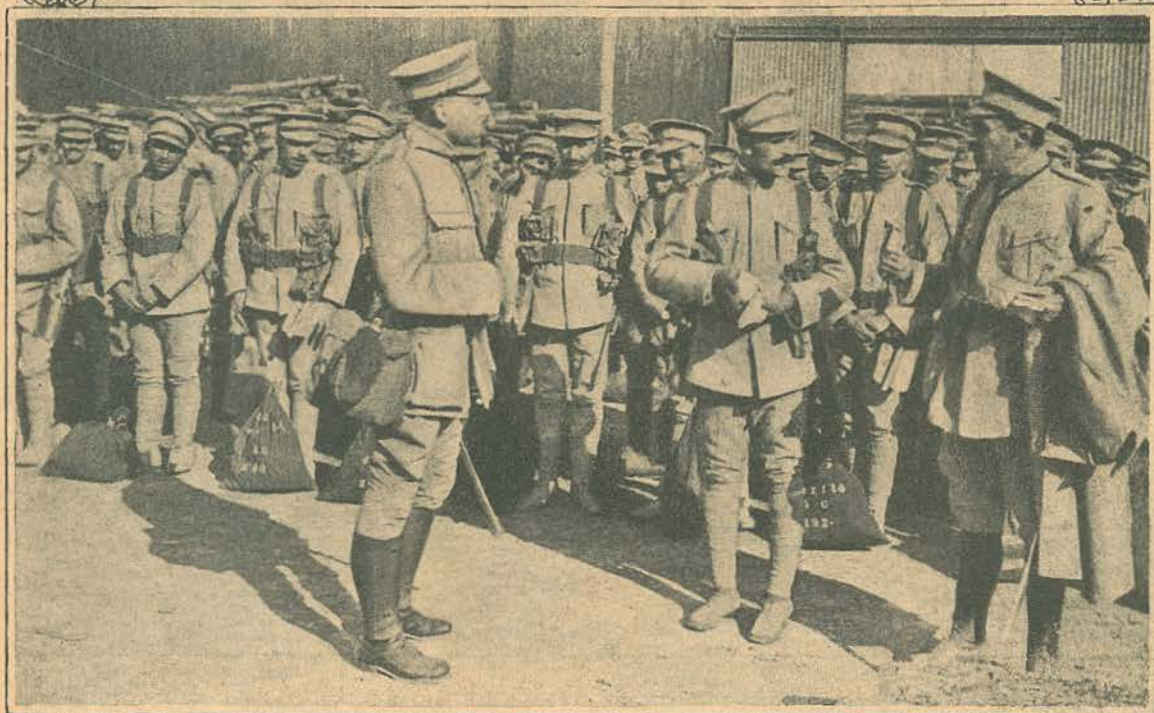
O soldado mais alto da companhia recebendo uma ordem



A' chegada a Lisboa das forças expedicionarias, os officaes e as praças são esperados por pessoas de familia.



Embarque de uma companhia



Um oficial dando instruções ao sargento sobre a forma do embarque

(Clichés Benoitel).

(Publicação autorizada por s. ex.º o ministro da guerra).



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 49 — LISBOA

## Teem a palavra os selvagens



NOS SERTÕES

— Credo! todo o mundo culto em fogo! Olhem se temos caído na asneira de ser civilizados!

## PALESTRA AMENA

## Espetáculo futurista

N'uma tarde reimesa d'este Abril hemiplegico, ao equilatero elitico do teatro Republica avocou curiosos incoherentes o magnifico sr. Almada Negreira (José)—pim!, vendo-se em caixa lateral oblonga o rapido pintor sr. Santa Rita, S. R., e dispersas em catêdras avulsas com base de celulose adeptos quicá esquipaticos do uni-sexualismo historico mais cotados em cotês culminantes.

Soando a hora em caixas silenciosas de metaes preciosos em algebras coletivas, logo José, labios florescentes, a lingua vibratil em eloquencias fulgidas ascendeu aos pincaros estonteantes das cataratas multicores de sedas a retalho, deteve-se pura nas crateras masculas das redondezas bi-partidas, desceu mergulhante ás profundezas das flanelas humidas para de novo ascender ás perolas desconhecidas dos oceanos sideraes, estarrecendo cerebros cinzentos de constipações acefalias, em craneos piramideas de massas macrobias.

Nisto contraditou S. R. pim! voltando avesso em curvas retilineas e produzindo gazes urgicos como labaredas semiticas em vasos etruscos de flacidos escultores sempre—virgens.

Correu no ambiente mal aventurado em forma de xadrez um estrelecimento calido e sifilitico; que voz de filtro abria aveludadamente os repositores loiros do futuro?

Alto! alto! Aqui ha coisa; eis senão quando o inicio irrompe irrequieto, irritante, irrepresentavel, irritante do panegirio da luxuria e das pilulas Pink para pessoas palidas. José revive luxurias vermelhas ás toejas, de assaz efeito em donzelas Civalves hermeticamente fechadas que assistiam coçando as pulgas; José apologa uniões hibridas, sensações brancas entre corpos grangrenados em noites de infusão difundivel. O sexo é vigula ou zero na harmonia escura da ventrologia anexa; que dôres infantis brotam dos seios chapêus de sol dos homens alados e das mulheres de calos agravados?

E a luxuria passa, e a luxuria passa, e a luxuria passa, quando um mancebo imberbe e sofisticado se ergue a prumo em linhas insatisfeitas e declara que precisa de dez tostões. Foi aposta, sim! Aposta desconforme e regional tombando infinitamente bem das urdiduras sorridentes d'um transe elementar e emetico. E ganhou a aposta é a luxuria passou, passou, passou—agora, agora, agora, ainda não ha meia hora.

E foi quando em frisa roçagante e intensa apareceu palida e preta D. Fernanda de Cabo Verde, verde violeta, verde garrafa, verde lagarto. E evocou luxurias livres, talvez iscas com elos e brocados cor de peito de rola em mansões anonimas. Seus olhos bolidos frescos de pescadinha marmota, interrogaram mudamente, arqueadamente, felizmente, José, o conferente. Mas o dia embrulha-se já em chi-

ta a tostão o metro;urgia terminar em spasmos sanguineos o orgiaco espetáculo haloide das paisagens sub-urbanas. Já o Cardoso avisava sereno e subtil a representação proxima do drama rustico, frio, candidamente horrivel do sr. Carlos Selvagem. Assim,urgia terminar!

E José retirou-se infrene, coçando a poeira dourada e tímida da caspa, e Santa Rita—pão! calçou as botas feitas das iluminuras excetricas, retirando tambem brancos e acabrunhados por sonhos labiaes, para seus turgorios de hospedes a quinze mil réis por mez, os restantes moços futuristas, duma inversão limitrofe, nessa tarde reimesa deste Abril hemiplegico.

J. Neutral.

## O sentimentalismo nacional

Mata-se ou não se mata o boi?

O plebiscito aberto pelo nosso mano mais moço, o *Século* da noite, fez-nos vontade de lançar mão do mesmo meio para conhecer a opinião publica sobre o assunto sujeito e eis o que o nosso colaborador Manecas averiguou, como mais importante, n'uma série de entrevistas que realisou.

A' porta:

—Tím, tím, tím.

—Quem é?

...O Manecas, redator do *Século Comico*, que deseja saber se os donos da casa votam a favor dos touros de morte.

—Tenha a bondade de entrar.

Na sala. Entram D. Genoveva e o marido. O Manecas expõe a sua missão.

D. Genoveva:

—Matar um boi! Crédo! que mal faz o pobre animal!

Olhando com ternura para o marido:



—Eu tenho muito dó dos boisinhos. Votamos contra, não é assim, Xavier? Xavier, comovidissimo!

—Obrigado, minha filha! Obrigadol!

Em casa do Marques. O Marques resume a opinião de toda a familia:

—De acordo em que a morte do boi, nas circunstancias atuais, é desculpavel. No entanto, atendendo a que o bicho sofre tanto como qualquer de nós, a minha opinião é que se atenuo tanto quanto possivel essa crueldade.

—Como, sr. Marques?

—Por exemplo: matando só meio boi ou um quarto de boi de cada vez...

Manecas, depois de en'revistar pessoas resolve-se a consultar os principaes interessados, os bois. N'um estabulo:

—O sr. Caraça opõe-se a que o matem na praça do Campo Pequeno?

O Caraça:

—Se não me matam aí abatem-me no Matadouro Municipal?

—Com toda a certeza.

—Então tanto se me dá como se me deu. Isto é: prefiro a arena, porque ali ao menos posso defender-me.

## Benemerito Cabreira!

Já sabiamos que o nosso -- o muito nosso—Antonio Cabreira, doutor pela graça de Deus, era o primeiro talento d'este paiz. E' certo que varias vezes temos brincado com sua excelencia, sempre inofensivamente, pelo unico prazer de lhe fazermos *dar sorte*, que somos para ele uma especie de Cabrion, do porteiro do Eugenio Sue e que su-



portamos com resignação o odio negro dos seus fígados tigrinos.

Pois bem: de hoje em diante a nossa attitude vai mudar e aqui mesmo nos confessamos arrependidos da nossa irreverencia, prometendo não reincidir. Cabreira é de tal modo grande que nos acabrunha, que nos esmaga: acaba de receber a consagração dos vencedores, quicá dos semi-deuses, com a participação dos mais altos elementos da Republica, do exercito e até do clero—porque Antonio Cabreira, n'um paiz onde a religião está separada do Estado, incluiu na festança da sua Academia, com o cunho oficial, uma missa apostolica-romana, celebrada por um celebre inventor de explosivos.

Mas a isto, que já é muito, junta-se outra coisa, que é maxima, e que coloca todo o paiz de cocoras perante Antonio Cabreira: ele officiou a todos os ministerios pedindo feriado para os funcionarios nos dias 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22, destinados á comemoração do centenário da sua Academia, fundada ha 10 anos.

Deu no vinte, o Cabreira amigo. Por um feriado não ha quem não mude de opinião, de modo que a esta hora o eminente matematico pôde contar com 6 milhões de admiradores, entre eles estes seus criados, que tantos são os funcionarios publicos em Portugal.

## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Zefa du meu curasão:

Agora sim! minha Zefa! agora é que me inxeu as medidas uma pessa xamada *Entre jiestas*—pur cinal cu senogarfo nan rintou ninhuma jiesta—arrepersintada nu triato Repuvlica é feita por um tal Calros Salvaje cujo até istá in Africa, cumo é uatural visto que é salvaje. Cumo as peças cevelisadas já deram o que tinham a dar u Salvaje dice lá cuncigo que preto tamem cer jente i vai d'ái fez esta ovra que é de se le tirar u xapeu. E' acim:

Em antes de cerem artistas a Angila Pinto, a Viatriz Biana, u Xabi, u Robeles Monteiro i edisetra eram uns rústegos da Beira, adondes ce paça a pessa. Ora a Angila já nece tempo era uma cabessa nu ar a pontos de dar intrada de noite ao bregeiro du Robeles que pur mais que fez nan cunceguiu apánhar cenão a çua beijoca. A Angila deule cun u basta i vai intão u Jorze Grave, grande tucador de armonico, cumessou a atrirace pormetendole que a levava á ingreja.

U Robeles xeio de siumeira entra a dezer ó Jorze ca Angila é uma cabra, uma indessente, que le pertinsu i daí desmanxace u casamento i a Angila jura vinganças, tamem purque u Robeles resolve casar cu a Viatriz que é muito mais pêssega ca ela.



Vingace infetivelmente pegando u fougo a um lagar cu Robeles anda a fazer i aí temos um grandecissimo çarilho: u casorio desmanxado, porque u Robeles fica prove i o Xabi, que é pai da Viatriz nan quer dar a filha a pelintras, u Robeles vai pró Alintejo cer criado de cervir, u pai du Robeles espixa a canela purque u lagar tinha sido feito á custa de inpotecas das çuas purpriades, inté que a Angila confeça que botou o fougo pur amor, u Robeles cunfeça que foi patife tamem pur amor i caem nus brassos um du outro. Mural da pessa: Quem lansa fougo em lagares da Beira, casa no Alimtejo.

Gustei, ripito, i a criteca tamem gus-



## Rocha Vieira

Eis o Rocha, por outra, eis o Vieira  
Que faz caricaturas em linha reta,  
Ou antes, em quebrada, e tão correta  
Como a faria de qualquer maneira.

Achata o craneo, alisa a cabeleira,  
Afunila o natiz, o queixo espeta.  
Risca os olhos direitos como seta,  
E reproduz a cara verdadeiral!

Desenhador dos angulos agudos,  
Que todo o cidadão reduz a fusos,  
A bicos elegantes e miudos,

Eu lhe peço perdão, se acaso abuso  
Cantando o seu talento e os seus estudos  
N'este soneto largamento obtuso!

BELMIRO.

tou, sigundo li: toudos os critegos cuncurdaram em que a pessa é rigiunal, em que a Angila tem talento i em que u Robeles a de ir longe em pessas beirónas. Na purnuncia, intão, leva as lampas a toudos us culegas!

A minha penião, in vista deste çuccesso é que ce mandem vir da Arfica us Salvajes i ce mandem para lá os ótores sevelisados, a ver ço triato leva caminho. A Deus, Zefinha, dá bejos meus ós piquenos nan isquesendo tamem os noços bacros i malo o jimento, infin, touda a noça familia.

Teu ispouso, com interna amesidade

Jerolmo

Emprezario do Paulittama de Peras Rulvas

## A prosa do sr. Silva

A direção geral dos correios publica o seguinte, para que se saiba:

«As amostras não pódem exceder o peso de 1 quilograma e não ter dimensões superiores a 40 centímetros de comprimento, 30 de largura e 10 de espessura... — Antonio Maria da Silva.»

E' o diábó o não se exigirem conhecimentos de gramatica portugueza para o lugar de ministro de Estado!

## Até Deus!

Nota a imprensa franceza que o kaiser na sua última mensagem não fala de Deus, como costumava.

Provavelmente estão de relações cortadas, porque Deus mostrou fraco interesse pelos *boches* na batalha de Arras.

Tambem era a unica potencia a quem a Alemanha ainda não tinha provocado!

## A paixão do Levy

MOTE

Não ha paixão mais ardente  
Em coração de rapaz  
Como a que tem o Levy  
A' Companhia do Gaz.

GLOSAS

Consultei a quiromante  
De mais fama na cidade  
Para saber a verdade  
A'cerca de certo amante.  
— «Deita cartas n'um instante  
(Disse eu á nossa vidente)  
E responde francamente  
Se o Levy Marques da Costa  
An.lá doidinho...» Resposta:  
— «Não ha paixão mais ardente!»

«Subiu-lhe o gaz á cabeça,  
Lembra a paixão da varina  
Que foi ao conde e imagina  
Que só por isso é condessa.  
Não sei lá a que obedeça  
Esse estranho facataz.  
Mas a verdade é que faz  
O que a Companhia quer  
Com a força de mulher  
Em coração de rapaz.»



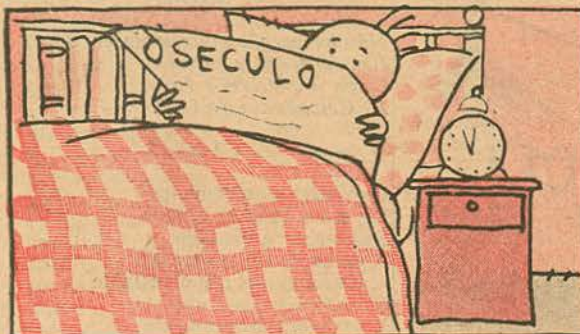
Todos nós gostamos d'ela  
E lhe devemos favores,  
Por exemplo: os contadores  
E a respetiva mistela.  
No rez-do-çhão, á janela,  
Ama-a de noite a Bibi  
Que ao namorado sorri,  
Ama-a no escuro o ladrão,  
Mas ninguem lhe tem paixão  
Como a que tem o Levy.

Ofender a figurona  
E' o mesmo que ofende-lo,  
E se não mostra mais zelo  
E' com medo de taponar.  
Morrerá por sua dona  
E na campa escreverás  
Este letreiro: «Aqui jaz,  
Um modesto cidadão,  
Que foi fiel como um ção  
A' Companhia do Gaz!»

Domingos Ferradraz.

# MANECAS E A QUADRILHA DO VIVO

EPISODIO 1: 1ª Parte



1.—Manecas, que como todo o cidadão que se pressa, começa o seu dia por ler o *Seculo*, sabe que se praticou um terrível crime em certa localidade.



2.—Como a noticia diz que a policia se declara incompetente para descobrir os criminosos, resolve ele proprio proceder ás diligencias e telefona ao Quim para se despedir, pois póde perder a aventura.



3.—Emquanto faz as malas fervem-lhe no cerebro projetos e combinações cheias de engenho.



4.—A despedida dos manos é comovedora—Voltarei coberto de gloria, ou reduzido a cadaver! exclama o Manecas.



5.—Compra na bilheteira a passagem do comboio, sempre com o cerebro em efervescencia.



6.—O *Seculo* dá noticia da partida do Manecas á descoberta dos autores da proeza e nas ruas disputa-se a murro, ao mesmo tempo que a policia se morde de inveja...

(CONTINUA).





## A GUERRA

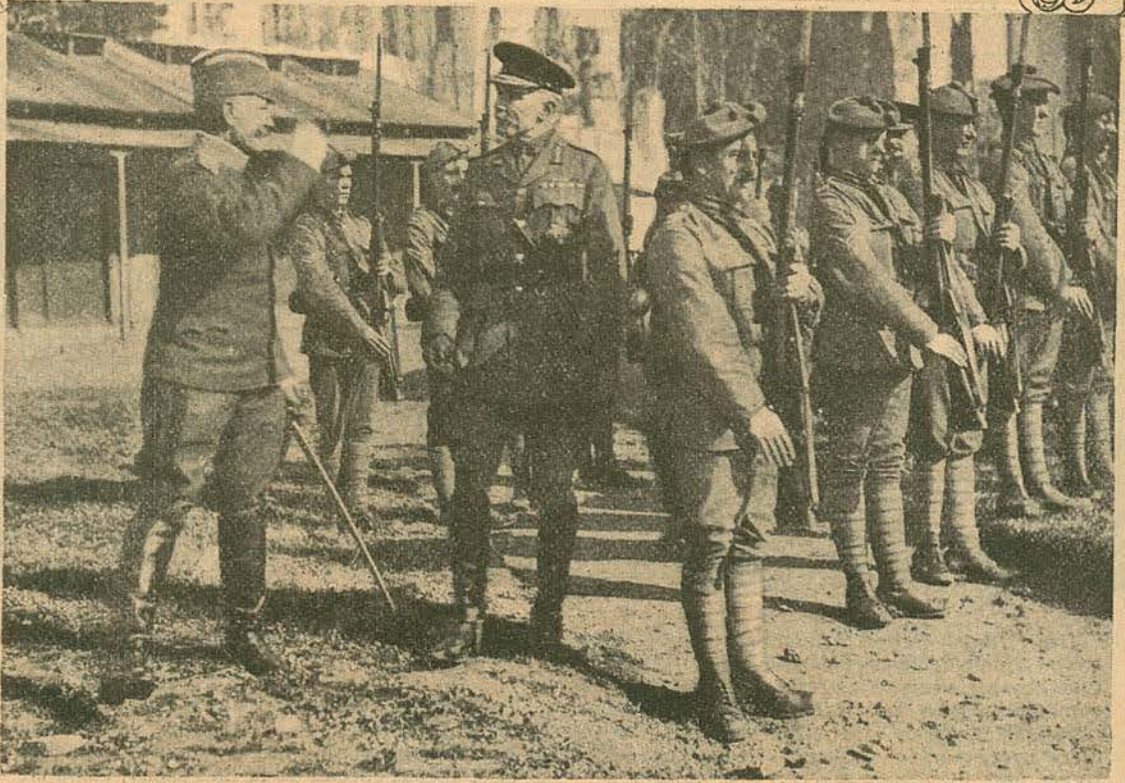


**Em Clery.**—Depois do bombardeamento e junto de umas ruínas que ameaçam desabar vêem-se os restos de um comboio alemão de mercadorias, voltado e esfrangalhado pelas balas. Dois soldados franceses procuram nos destroços lenha para fazerem uma fogueira e aquecerem-se, porque a temperatura está muito baixa.

**A queda de Peronne.**—Representa esta fotografia o misero estado a que ficou reduzida em Peronne uma locomotiva alemã pelas balas dos canhões ingleses. O soldado britânico, que nunca perde o seu bom humor, mesmo nas conjunturas mais difíceis, apenas chegou ao pé do *Tommy*, como ele lhe chama, escreveu-lhe a giz *Napoo-Finis*.



Soldados ingleses tomam de novo posse de uma trincheira



**Em Salonica.**—O marechal Mishitch, que tão brilhantemente se distinguiu nas operações que acabaram pela tomada de Monastir, foi nomeado comandante do primeiro corpo do exer-

cito servio, sendo-lhe feita a entrega do comando pelo general Milnd. N'esta fotografia vê-se o valente oficial inspecionando a guarda de honra.



**Um medico notavel.**—O dr. Laurent, cirurgião em chefe dos hospitaes de Bruxelas, expulso pelos alemães, foi encontrar o melhor acolhimento entre os francezes. O governo confiou-lhe a direção do hospital instalado no palacio dos Campos Elyseos, onde ele tem prestado os mais rele-

vantes serviços e operado verdadeiros prodigios de cirurgia, chegando a reconstituir não só tecidos, mas até ossos, em mutilados que ficam como se não os tivesse estropiado a guerra. N'esta fotografia vê-se o dr. Laurent fazendo uma das suas admiraveis operações.

## Exposição Carlos Lobo

O sr. Carlos Lobo, que se dedica á pintura a oleo com muito amor e vocação, expoz em Lisboa, pela primeira vez, os seus trabalhos. A' exposição, instalada no salão da Fotografia Gonçalves, na Calçada do Combro, foi muito vi-



O sr. Carlos Lobo

sitada e apreciada, recebendo o distinto pintor calorosos cumprimentos pelo seu trabalho e vendendo um numero deveras animador de telas.

A obra do sr. Lobo é sobretudo a paisagem, sendo realmente encantadores os sitios

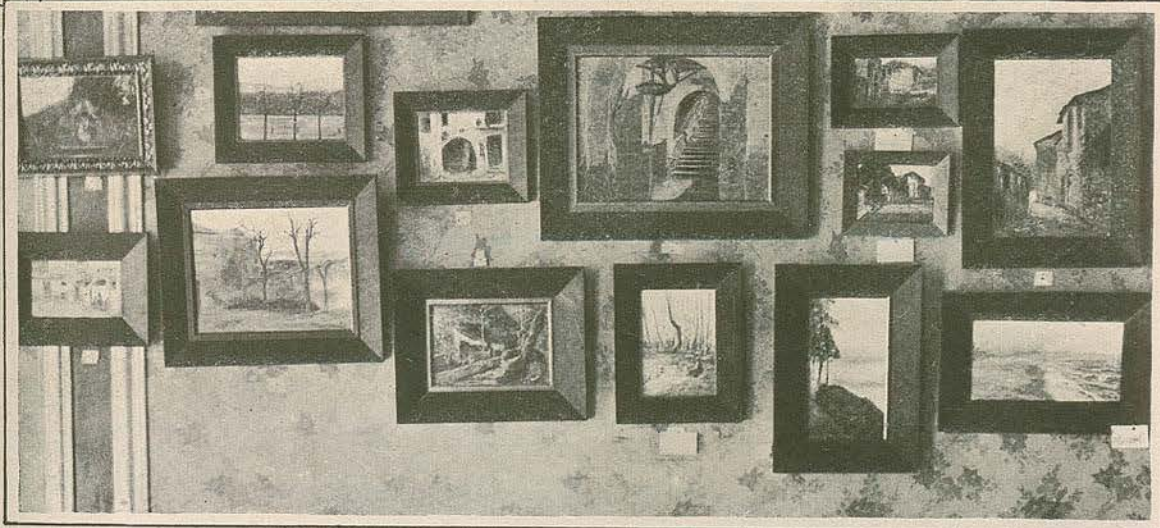


Coimbra: Rua de Sub-Rip's

que o seu pincel preferiu. De Coimbra e dos seus lindos arredores são os melhores trechos apresentados, fazendo reviver saudades em quem já teve a fortuna de os admirar em todo o seu pitoresco, em todos os seus matizes, em todo o vigor da sua vegetação e limpidez das suas aguas.



Coimbra: Lavadeiras no Choupal

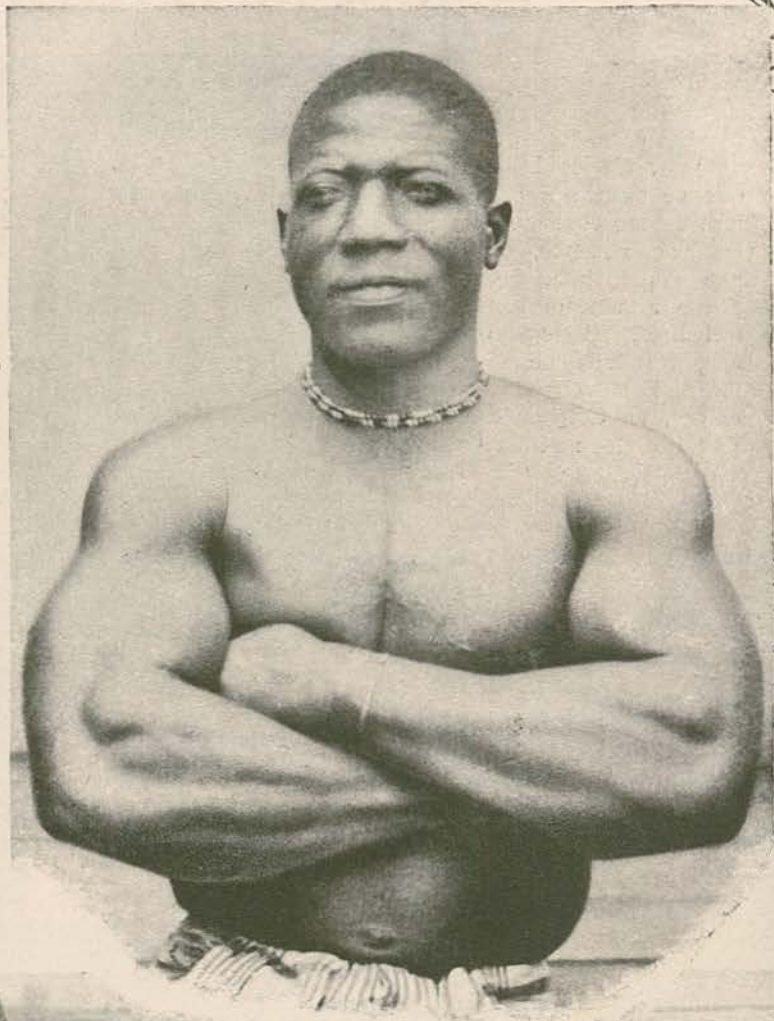


Um aspecto da exposição

**A**SSIM se podem chamar o soba Mandumbe, dos cuanhamas, morto em combate pelas tropas inglezas, e o enorme hipopotamo, que o valente caçador, sr. Irenio d'Almeida Couto, matou no prazo de Macuse.

Mandumbe era tão disforme de musculatura, como feroz de indole. Infundia o maior terror aos indigenas e tinha aos euroreus um odio figadal. Depois do combate de Naulila assaltou os nossos fortes e praticou toda a casta de crueldades. Deante da caça que lhe deu a coluna do general Pereira d'Eça, refugiou-se com outros regulos na Damaralandia, pagando ha pouco com a vida todas as suas selvagerias. Com a sua morte todos os outros regulos se teem apresentado, encontrando-se hoje pacificado o Cunene.

O sr. Almeida Couto está agregado á Companhia do Boror. A sua fama de



1. O soba, Mandumbe, dos Cuanhamas.—2. O caçador sr. Irenio d'Almeida Couto e um hipopotamo que matou.—(Cliché do distinto fotografo amator sr. J. R. Vasconcelos).

caçador é grande. Foi ele quem apanhou o pequeno hipopotamo, que vendeu á Companhia da

Zambezia e esta ofereceu ao Jardim Zoologico de Lisboa.

# Batida ás rapozas



**No Freixial.**—Da esquerda para a direita, os srs. D. Luiz Campos Henriques (Pinhel), Julio Camillo Alves, James Gilman, Augusto Lage, João Camillo Alves, José Vitor Santos, José Avilez Melo e Castro (Galvelas), Raul Gilman, João Camillo Alves Junior, Jorge Graça, Sebastião da Cunha, João Alves, Lino Henriques, Eduardo Ortigão Burnay e Jayme Alto Mearim.

**M**AIS uma batida ás rapozas realizou a elegante equipagem Santo Huberto. Foi a ultima d'esta epoca e tão animada como as anteriores. O local escolhido foram as grandes propriedades do importante viticultor sr. João Camillo Alves, de Bucelas, no Freixial, propriedades que fazem o enlevo de quem as visita, pelas suas soberbas instalações, pelo cuidado e inteligencia com que são tratadas.

Antes da batida foi o que fizeram os caçadores : visi-



2. Os srs. Julio Camillo Alves e José Vitor dos Santos



3. **Em Bucelas.**—Grupo de caçadores, dirigindo-se para o local da caçada



*Freixial.*—Depois da batida

taram esses famosos dominios vitcolas, no que eles tem de mais interessante, demorando-se um pouco nas vastas adegas e provando os vinhos d'aquella privilegiada região, entre os quaes alguns havia antiquissimos e do mais fino paladar.

Depois da batida, o sr. João Camilo Alves e seus filhos ofereceram um delicioso almoço aos garbosos membros da equipagem, que se retiraram verdadeiramente encantados com a fi falga gentileza dos seus anfitriões.



A caminho do Freixial

(Clichés Benoit).

## Para os soldados portuguezes



**Lourenço Marques.**—Grupo de senhoras e cavalheiros que tomaram parte na festa a favor dos soldados portuguezes.



Grupo de meninas que tomaram parte na festa da flor em Cuba.—(Cliché do distinto fotografo amator sr. Figueira Pacheco.

Por toda a parte continua a merecer o maior interesse a sorte do soldado portuguez, fazendo-se festas e abrindo-se subscrições. Em Cuba organisou-se uma «venda da flor», auxiliada pelo que ha de mais distinto n'aquella vila.

Tambem em Lourenço Marques se realisou

xilio ao soldado portuguez, de que é presidente a benemerita menina Margarida Bulhão Pato. Como ella todas, as outras meninas teem trabalhado com uma dedicação e filantropia admiraveis

Os dois «clichés» que publicamos são do

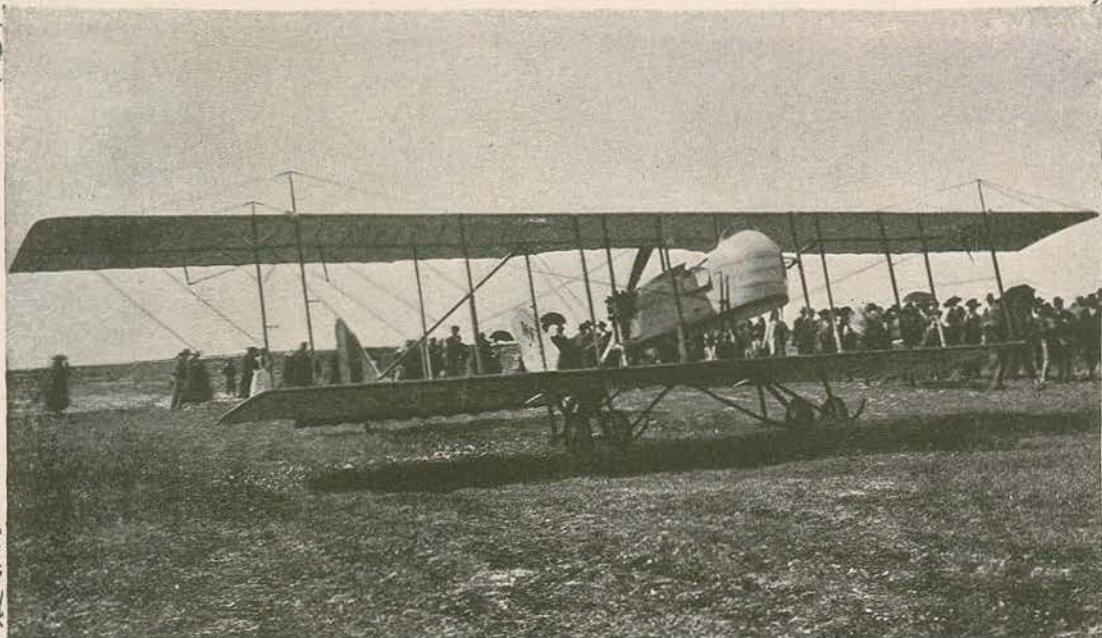


**Lourenço Marques.**—Dançando os *Falguedos*

uma importante festa para o mesmo patriótico fim, promovida pela Sociedade 1.º de Janeiro e pela comissão feminina de au-

nosso distinto colaborador artistico sr. Adelinho de Abrunhosa.

## FIGURAS E FACTOS



Biplano do exercito portuguez que visitou a Caudelaria Militar d'Alter o mez passado. Era tripulado pelo 1.º tenente de marinha sr. Sacadura, acompanhado do tenente de cavalaria sr. Moura.

(Cliché do distinto fotografo amator sr. Antonio Rodrigues Brazão).



**Um leão enorme.** — John Quows é um valente caçador americano que vive na Zambesia e ali tem feito grande desbaste nos animaes ferozes. Em Nhamaca, prazo da Companhia da Zambesia, apareceu um terrivel leão que em pouco tempo matou 5 indigenas, entre eles duas mulheres, e 15 cabeças de gado vacum. John Quows esperou-o e varou-lhe o coração com uma bala da sua carabina. Devido á amabilidade do distinto fotografo amator, sr. Manuel Leal, que já tem obsequiado a «Ilustração» de outras vezes, devemos o reproduzir aqui duas fotografias da tremenda féra.



# ECOS DE TODA A PARTE

## M. ME EDITH DE LYS

Cantando a *Maria de Rohan*, de Donizetti, ao lado do grande baritono italiano Battistini, na Opera de Paris, uma notável mas já illustre cantora, madame Edith de Lys, que tem sido já festejada nas cenas líricas da Italia e da Inglaterra, obteve um grande triunfo. Artista da melhor escola, ela possui uma voz de soprano admirável e qualidades de atriz que fazem d'ela uma interprete preciosa do teatro lirico moderno. Em *Maria de Rohan* foi, sobretudo, como excelente cultora do bel-



Edith de Lys na *Madame Butterfly*



Mary Garden na *Carmen*

canto, á velha maneira italiana, que ela se fez aplaudir pelo publico de Paris. \*

## MARY GARDEN

De regresso da America, sua patria, m.<sup>lle</sup> Mary Garden volta de novo a triunfar na Opera-Comique de Paris.

N'um numero limitado de recitas, ela far-se-ha aplaudir nas suas inteipreções soberbas do *Jongleur de Notre-Dame*, da *Tosca* e da *Carmen*. E' possivel que ela tome parte tambem n'uma *reprise* de *Pelleas et Melisande*, de Debussy, de cuja protagonista ella foi a creadora inexcédível.



## QUE FARÁ O MÉXICO ?

E' de crer que não faça grande coisa, apesar da decisão dos Estados-Unidos. A situação dos imperios centraes não é brilhante e Carranza entenderá dever refletir antes de ligar a sua sorte á dos chefes dos Hunos europeus. Entretanto não deixa de ser oportuna a publicação da fotografia de Carranza entre os officiaes do seu Estado-maior e tambem a d'um dos membros dos bandos mexicanos aliados eventuaes de Guilherme II.

## Uma reunião no paço de Belem



O coronel sr. Mousinho d'Albuquerque, com os governadores civis dos varios distritos do paiz, tendo á sua direita o sr. dr. Lopes Fidalgo, governador civil de Lisboa, e á esquerda o sr. dr. Pereira Osorio, governador civil do Porto.

Por convite do chefe do Estado reuniram no palacio de Belem os governadores civis dos distritos e outras entidades officaes, a fim de se prestar, n'este momento tão critico por causa da guerra, a assistencia indis-

pensavel aos desprotegidos da fortuna. Tomaram-se importantes resoluções que, postas em pratica, devem atenuar em muito as condições miseraveis das classes proletarias.



O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, o ministro do Interior, os governadores civis do paiz e os srs. dr. Francisco Gentil, Luiz Filipe da Mata, Agostinho Fortes, Costa Gomes, dr. Augusto Barreto, dr. Salazar de Souza, Abolin Inglez, Albert Macleira, Jacinto José Ribeiro, dr. Carneiro de Moura, Ernesto Dias da Silva, etc.

(Clichés Benollel).